



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

11, 12 e 13 de agosto 2012



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: O Estado de São Paulo	Editoria: Educação	Data: 12/08/12
Assunto: Aluno branco de escola privada tem nota 21% maior que negro da rede pública		Página: Online

O ESTADO DE S. PAULO

Aluno branco de escola privada tem nota 21% maior que negro da rede pública

Após aprovação de Lei das Cotas, 'Estado' faz recorte inédito de dados do Enem que revela distância maior que a média geral entre as notas das duas redes, de 17%; especialistas atribuem abismo a questões econômicas e à baixa qualidade do ensino público

Recorte inédito de dados de desempenho no Exame Nacional do Ensino médio (Enem) de 2010 nas capitais do País, além de confirmar a distância entre as notas médias dos estudantes de colégios particulares e os de Escolas públicas, revela o abismo que separa estudantes brancos e negros das duas redes.

Os números mostram que as notas tiradas pelos Alunos brancos de Escolas particulares no exame são, em média, 21% superiores às dos negros da rede pública - acima da diferença de 17% entre as notas gerais, independentemente da cor da pele, dos estudantes da rede privada e os da rede pública.

O levantamento também aponta distorções entre os Estados. De acordo com especialistas, esse cenário é o reflexo da desigualdade social e também da diferença dos níveis de qualidade das redes estaduais.

A reserva de vagas por cor de pele está na Lei de Cotas aprovada no Senado na semana passada (mais informações nesta página). O projeto, que precisa ser sancionado pela presidente Dilma Rousseff, prevê que 50% das vagas das universidades federais sejam reservadas para Alunos da Escola pública - respeitando critérios de renda e reservas proporcionais por Estado para pretos, pardos e indígenas.

Como a maioria das federais adota o Enem como critério de seleção, o levantamento indica um cenário aproximado sob a nova Lei das Cotas.

Vantagem da Escola paga. Por sua vez, a nota média de negros que estudam em Escola privada é 15% superior às dos negros da rede pública - próxima dos 17% entre todos os estudantes da rede particular e da rede pública.

Embora em menor dimensão, a variação de desempenho entre negros e brancos dentro da Escola pública também é desvantajosa para o primeiro grupo. Na média, os brancos têm médias 3% maiores que os negros. O fato de os negros terem rendimento menor do que os brancos, mesmo dentro da rede pública, tem explicações econômicas e pedagógicas, segundo a diretora do Todos Pela Educação, Priscila Cruz.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Na questão econômica, segundo ela, a explicação é que "entre os pobres, os negros são os mais pobres". O lado pedagógico refletiria a baixa expectativa. "Em uma sala de aula, se uma criança negra começa a apresentar dificuldade, a Professora desiste de ensiná-la muito mais rapidamente do que desistiria de um estudante branco."

O presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE), José Fernandes Lima, ressalta que há um "acúmulo de desigualdades". "Fica claro que temos dois tipos de desigualdade: a social e racial. É a soma de dificuldades", afirma ele, que defende a combinação do fator racial com a cota cujo princípio é a Escola pública. "Se os Alunos da Escola pública entram em desvantagem com a rede privada, os Alunos negros da Escola pública têm uma desvantagem ainda maior."

Abismos. Segundo Lima, há outros fatores importantes para entender os dados, como a qualidade das redes públicas - principalmente estaduais -, índices de reprovação e até realidades culturais locais.

Essa complexidade de fatores fica clara ao analisar os dados por capitais. O mapa do desempenho pelo fator racial mostra verdadeiros abismos. O negro de Belo Horizonte que estuda em Escola pública, por exemplo, tem nota 12% superior à do negro da mesma rede em Manaus. As duas cidades têm os extremos de notas desse grupo: 521,03 e 463,85, respectivamente.

Vitória, capital capixaba, tem uma média de 502,59 nas provas objetivas (sem a redação) dos estudantes negros, a sexta maior entre as capitais. Mas na comparação com os Alunos brancos de Escolas particulares, a diferença é a maior de todas: os brancos da rede privada têm média 27% superior à dos negros das públicas.

Não por acaso, os negros de Escolas públicas de Vitória têm o pior desempenho na comparação com os brancos da mesma rede: nota 8% inferior, demonstrando que as diferenças raciais se reforçam até na mesma realidade Escolar daquele Estado. Os negros das Escolas particulares não têm o mesmo sucesso em notas que os brancos da mesma rede.

A proporção de negros por Estado, que vai servir como critério para a reserva de vagas nas universidades e Escolas técnicas federais, influencia as médias. Salvador, por exemplo, tem uma das maiores proporções de negros na sua população. Apesar da participação maciça desse grupo na Escola pública, a diferença de nota para os brancos de Escolas privadas bate em 25% - só perde para Vitória.

Textos. Em geral, as diferenças de desempenho entre negros e brancos sempre são menores nas notas das redações. Em Florianópolis, considerando a parte objetiva do Enem, há uma distância de 20% entre a nota média de negros de Escolas públicas e a de brancos das particulares. Na redação, essa diferença cai para 8%.

Segundo o Professor Francisco Platão Savioli, da USP e do Anglo, a explicação envolve os tipos de competências que a redação consegue avaliar. "A redação não mede um conhecimento momentâneo, mas um conhecimento calcado na experiência de vida, até mesmo na luta contra as contrariedades", diz ele. "O texto avalia competências que outras matérias não avaliam."



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Cota nas federais divide estudantes beneficiados

A estudante Luana Miranda, de 19 anos, fez todo o Ensino médio no período noturno porque a Escola estadual onde estudava, em Itapevi, na Grande São Paulo, simplesmente não oferecia o ciclo pela manhã. Segundo ela, o horário era péssimo e o Ensino que recebia, precário.

Negra, filha de profissionais autônomos que não cursaram o Ensino superior, Luana se prepara para o vestibular no Cursinho da Poli. Apesar de ser beneficiada pela lei, ela é contra as cotas raciais. "Os negros ainda sofre preconceito, a elite brasileira é branca. Mas isso não justifica as cotas. Não é a cor de pele que diz as dificuldades pelas quais você passou", diz ela. Mas Luana não descarta usar o benefício em uma federal para entrar em Letras ou Artes Cênicas. "Não acho um absurdo, é uma conquista."

A colega Inaiá Regina Batista, de 17 anos, também sofreu com a precariedade do Ensino médio noturno, em Osasco, e apoia a lei. "Em 2011, prestei vários vestibulares, para ver como era, e vi que não tinha aprendido nada. Não dava para competir com Alunos de Escolas boas", diz ela, que é negra, vestibulanda de Direito, agora também no cursinho.

Há dois anos, Marcelo Vinicius Domingos, de 20 anos, sofria da mesma falta de expectativa. Estudante de Escola pública durante a vida toda, ele só considerou a possibilidade de concorrer a uma vaga em universidade pública quando a prefeitura inaugurou um cursinho gratuito. Com o curso, passou em Engermagem na USP. "Se eu tivesse tido uma formação adequada, passaria direto. Ainda assim, acho que cotas é como tentar tapar um buraco mais profundo."

Para Danielle Ferreira, diretora de Combate ao Racismo do Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a cota é um instrumento de reparação que permite o acesso à universidade de segmentos da sociedade até então alijados desse processo.

"A ideia de que a qualidade do Ensino nas federais vai diminuir após a adoção das cotas é preconceituosa, para não dizer racista", afirma a estudante, que foi aprovada em Fonoaudiologia graças à reserva de vagas para negros oriundos de Escola pública, existente na UFBA desde 2004.

'Diferença na nota não será mantida na faculdade'

A desigualdade entre Alunos cotistas e não cotistas medida pelo Exame Nacional do Ensino médio (Enem) não vai definir a vida acadêmica, afirma o Professor João Feres Júnior, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). "A diferença na nota de entrada não significa que ela será mantida dentro da faculdade ou na saída." Para ele, prever a queda da qualidade das instituições como reflexo das cotas é um "exercício catastrófico de futurologia".

Pesquisador de ações afirmativas, Feres Júnior cita o exemplo da própria Uerj, a primeira universidade do País a implementar uma política de reserva de vagas. A instituição elaborou um relatório de performance que avaliou os estudantes entre 2004, ano do início das cotas, e 2010, quando a primeira turma a entrar no novo modelo concluiu o curso.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

O trabalho mostrou que o grande desafio para os cotistas não está relacionado à defasagem, mas à evasão Escolar. "As cotas transformaram a Uerj. Ela ficou mais democrática e não houve impacto na qualidade."

Ainda segundo o Professor, uma "consequência positiva" do projeto de lei aprovado no Senado pode ser a valorização do Ensino médio nas Escolas públicas. "Ficará mais interessante para famílias de classe média baixa matricular os filhos na rede pública", diz Feres Júnior. Outro efeito seria o crescimento de "ilhas de excelência" no Ensino superior privado, que atrairão "os filhos de uma faixa da classe média sem recursos para pagar por uma Escola mais cara".

Na opinião da consultora de Educação Ilona Becskeházy, haverá uma "fuga de cérebros" para universidades privadas, o que seria um "erro de estratégia". "Nossa necessidade mais premente é criar uma população economicamente ativa capacitada para aumentar a renda per capita e consolidar a posição de relevância do Brasil. Se você tira o componente da atração das melhores cabeças das universidades públicas, acaba desconcentrando esse esforço", diz.

Para ela, no entanto, o projeto de lei é "legítimo". "Até hoje, o Brasil não tinha tomado a decisão de popularizar o Ensino superior público, sobretudo cursos como Medicina, Engenharia e Direito."

A consultora afirma que é hora de a sociedade pensar e se manifestar sobre as cotas. "A primeira impressão é de que essa lei é fruto de uma movimentação política para ganhar pontos com a população."



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Programa Bom Dia Brasil	Editoria: Educação	Data: 13/08/12
Assunto: Falta de professores em disciplinas básicas pode comprometer ensino		Página: Online

Falta de professores em disciplinas básicas pode comprometer ensino

Para preencher a grade dos alunos, as escolas têm de fazer adaptações. E isso acontece principalmente nas disciplinas de exatas. Para Mozart Neves Ramos, conselheiro do Todos Pela Educação, a Química não está sendo ensinada adequadamente no Ensino Médio

São formas novas de procurar emprego, mas o começo é bem tradicional: na escola. Mas faltam professores de disciplinas elementares, em todo o Brasil.

Para preencher a grade dos alunos, as escolas têm de fazer adaptações. E isso acontece principalmente nas disciplinas de exatas. Imagine aprender química ou física com um professor que não é formado na área.

Pois essa é uma situação comum pelo Brasil. E uma séria ameaça para o futuro de um país que quer ser desenvolvido. O Bom Dia Brasil ouviu especialistas, professores e alunos.

“A gente fica sem estudar. Vai embora para casa, fica sem estudar”, lamenta um aluno.

“Desde o começo do ano não estou tendo aula. Ontem foi a reunião de pais. Na folhinha não apareceu nada de química”, afirma Jéssica Teixeira de Oliveira.

“Eles falam que vai chegar professor e nunca chega. Não tive nenhum dia de aula de química”, conta Ildiane Souza Santos.

E imagine aprender química ou física com um professor que não é formado na disciplina. Pois essa é uma situação comum no país. Segundo o Governo Federal, na educação básica, dos quase 60 mil professores que dão aulas de física, nem 10 mil são formados. Dos 53 mil que lecionam química menos de 15 mil têm diploma na matéria. O aluno sai perdendo.

“Em 1º lugar, ele não está tendo a aula que ele deveria receber por um profissional bem formado. O 2º grave problema: a química não é ensinada adequadamente no Ensino Médio. O que a gente observa é que ela é ensinada do ponto de vista de uma lousa como uma ciência experimental, em um quadro negro, em uma lousa. Portanto, ela não desperta a motivação na aprendizagem pelo assunto”, explica Mozart Neves Ramos, consultor do movimento ‘Todos pela educação’.

Em turma de química da USP, o professor aplicou um questionário para saber, entre outras coisas, o que os alunos pretendem fazer depois que se formarem. Dos 30 estudantes, apenas oito disseram que querem se tornar professores.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

“O professor ganha por hora, trabalha em duas, três escolas para compor um salário e ele trabalha demais, o dia todo. Então isso eu acho que afasta demais o interesse dos alunos em seguir nessa carreira”, explica Flávio Antonio Maximiniano, professor de Química da USP.

“Eu tenho vontade de ser professora, eu gosto muito de dar aula, de ensinar, de lidar com crianças. Mas como eu sei que as condições hoje não são boas, infelizmente eu sei que o meu futuro talvez não fosse do jeito que eu gostaria, começando como professora”, lamenta a estudante de Química Flávia Caetano.

Segundo o movimento "Todos pela educação", cerca de 44% dos professores de química no Ensino Médio, além de não terem formação específica, não são formados nem mesmo em áreas de exatas, como física, ou matemática.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário de Notícias (Criciúma)

Editoria: Giro Região

Data: 13/08/12

Assunto: Lapagesse comemora 80 anos de história na quarta

Página: 10

Diário de Notícias

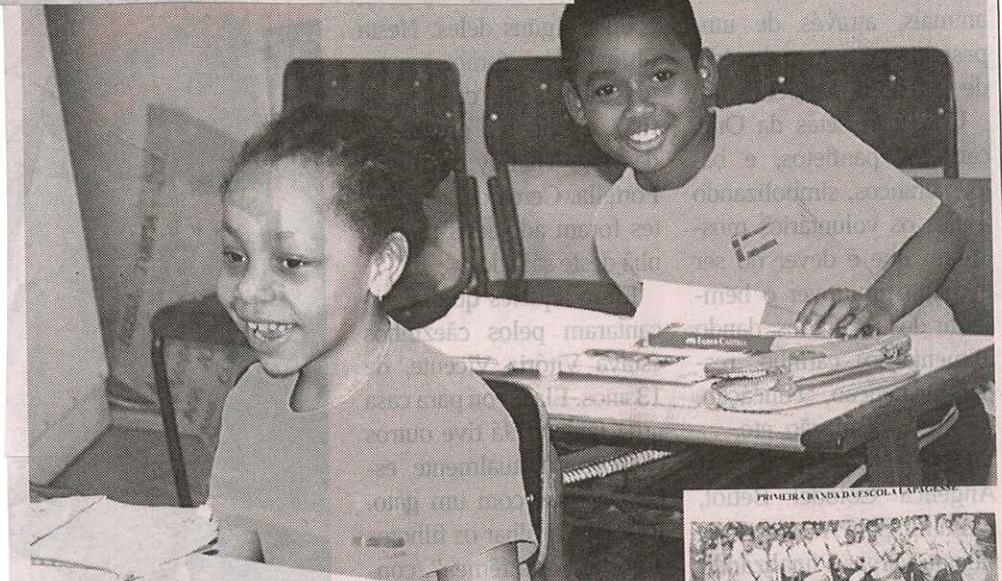
Criciúma

Nascido no dia 15 de agosto de 1932 por Decreto de nº 261 do Interventor Federal do Estado de Santa Catarina, um dos colégios mais tradicionais de Criciúma, a Escola de Ensino Fundamental Professor Lapagesse, completa 80 anos. Para homenagear a instituição que fez, ou ainda faz parte da vida de milhares de cricumenses, a Câmara

de Criciúma realiza Sessão Especial em meio às atividades comemorativas, na próxima quarta-feira (15/08), às 19 horas. Localizado no coração da cidade, na rua Marechal Floriano Peixoto, o espaço abriga 650 alunos. A escola recebeu este nome em homenagem ao ilustre professor Leon Eugene Lapagesse, um francês que prestou relevantes serviços à educação dos catarinenses. O Lapagesse iniciou suas

atividades sediado na Praça Nereu Ramos em um prédio pertencente à Mitra Diocesana, onde funcionava a Prefeitura Municipal, a Fundação Educacional de Criciúma (Unesc) e a Casa da Cultura. A escola, segundo projeto de pesquisa e elaboração de Silésia de Aguiar Mendes Maciel, começou com 181 alunos, tendo como primeiro diretor, Silvio Berendt e primeiras professoras, Iná de Souza, Dozzolina

FOTOS: DIVULGAÇÃO/DN



Rizzieri, Mara Piazza Motta e Guiomar de Oliveira Goeldner.

Em 1940 a escola foi transferida para o espaço onde funciona o Centro de Educação Infantil Lapagesse, também no Centro da cidade. Colégio respeitado e referência em qualidade de ensino, por onde passaram grandes personagens da história política, econômica, cultural e social da região,

como Nelson Alexandrino, José Augusto Hulse, Ruy Hülse, Anderlei Antonelli, João Sônego, Zefiro Gias-si, dentre outros tantos. Em 1994 a escola se modernizou ganhando as suas novas e atuais instalações.

Lecionando há 32 anos no Estado, sendo 21 no Lapagesse, Maria Aparecida Bristot Loli começou na escola quando ela ainda funcionava no CEI ao lado



da atual edificação. "Aqui arregaçamos as mangas, não esperamos estragar para depois consertar. Junto de um corpo docente qualificado e comprometido, pais de alunos responsáveis e profissionais voltados a uma gestão eficiente convertemos esforços sempre buscando o melhor para a escola", conta



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário de Notícias (Criciúma)

Editoria: Giro Região

Data: 11 e 12/08/12

Assunto: Criciúma conta com 78 vagas para o concurso do magistério

Página: 10

Diário de Notícias

Criciúma conta com 78 vagas para o concurso do magistério

Criciúma

O Governo do Estado de Santa Catarina abriu concurso para professor. E a Gerência Regional de Educação (Gered) de Criciúma conta com 78 vagas distribuídas em 16 disciplinas. As inscrições estão abertas até o dia 5 de setembro e devem ser realizadas pelo site www.acao.org.br. O edital também está disponível no endereço eletrônico da Acafe.

O Secretário Regional de Criciúma, Luiz Fernando Cardoso, res-

saltou que o concurso abre caminho para a qualidade no ensino. “Serve para as pessoas que possuem o nível superior. O concurso vinha sendo aguardado e Criciúma está com 78 vagas. A estabilidade e a qualificação profissional do professor concursado levarão virtudes ao ensino, e isto é fundamental”, afirma.

O Gerente Regional de Educação, Luiz Rodolfo Michels, também comemorou a abertura do processo seletivo. “Estávamos aguardando

esta oportunidade desde 2004. As pessoas entrarão efetivas, diminuindo o número de contrato de professores Admitidos em Caráter Temporário (ACT). Isto é positivo”, explica.

A prova objetiva será realizada no dia 30 de setembro. A segunda etapa é a comprovação de títulos. Esta ocorre entre os dias 30 de outubro e 5 de novembro. O resultado final será divulgado no site da Gered (www.sed.sc.gov.br) e da Acafe, no dia 29 de novembro.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Moacir Pereira	Data: 12/08/2012
Assunto: Educação e futuro: nivelando por baixo		Página: 03

DIÁRIO CATARINENSE

Educação e futuro: nivelando por baixo

Três fatos políticos registrados esta semana voltam a mostrar que a educação é prioridade dos políticos só na retórica das campanhas. Resumindo:

1 O Congresso Nacional aprovou projeto que reserva 50% das vagas nas universidades federais para alunos do ensino público. Ao invés de investimentos maciços no ensino fundamental, porta aberta para os incompetentes. Rigorosamente na contramão da história, ignorando experiências bem-sucedidas em outros países.

Durante cobertura jornalista que fez a missões de Santa Catarina à Coreia do Sul, muitas realidades positivas saltavam aos olhos. Uma delas, a perfeita sintonia entre as universidades e a iniciativa privada.

Outra, as mudanças no perfil educacional do povo. A Coreia do Sul, arrasada pela guerra, tinha 35% de analfabetos na década de 1950. Canalizou bilionários recursos para a educação básica e depois ao ensino superior.

Hoje, mais de 70% dos habitantes frequentam universidades, com grande parcela concentrada em pesquisas. Equipamentos pesados são coreanos, veículos resistentes e modernos vêm da Coreia e seus eletrônicos avançam no mercado mundial.

Aqui no Brasil, não se procura melhorar o nível do ensino médio público. Apela-se para a demagogia e o populismo, garantindo matrículas nas universidades para gente despreparada.

2 Centenas de milhares de executivos de alto nível, profissionais liberais e técnicos de gabarito frequentaram as fundações educacionais do interior catarinense. A maioria, trabalhando de dia e estudante de noite. Muitos, como ocorre até hoje, viajando até duas horas para cursar estas universidades construídas com esforço comunitário. Modelo para o Brasil que agora está ameaçado de pulverização e até de extinção, como alerta o presidente do Sintespe, Marcelo Batista de Souza, em carta à presidente Dilma, pedindo para que revogue os vetos a artigos da Medida Provisória 559, desconsiderando acordos ministeriais e partidários. O governo federal nada fez pelo ensino comunitário e agora dá um tiro de morte no sistema Acafe.

3 Professores da rede estadual têm assembleia dia 15 de agosto, quarta-feira. O clima é de indignação. O governo estadual suspendeu as negociações que prometeu encaminhar após a greve. Fica tudo para depois das eleições. É a lei eleitoral, alega. Procura blindar seus candidatos, acusa o Sinte. Não paga reajuste do piso, nada anuncia depois de três meses e a única boa notícia é o concurso.

Convergência entre governo e professores, produtiva em outros países, aqui é sonho impossível. No esforço da Coreia, professor que aprova os alunos qualificados é promovido. Se for reprovado, rua.

Avaliação, aqui, nem pensar. No lugar do mérito, a promoção automática do tunante. E depois querem medalhas nas olimpíadas.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Visor

Data: 11/08/2012

Assunto: Xeque-mate

Página: 02

DIÁRIO CATARINENSE



XEQUE-MATE

Termina neste domingo, na bucólica e italiana cidade de Rodeio, no Médio Vale do Itajaí, a disputa regional do Jogos Escolares de SC (Jesc) – 15 a 17 anos, competição que já revelou atletas olímpicos como Ana Moser, Fernando Scherer, Sérgio Galdino e Tamiris de Liz. O Centro Cultural (foto) foi palco das disputas de xadrez.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 11/08/2012
Assunto: Professores se reúnem na quarta		Página: 24

DIÁRIO CATARINENSE

REDE ESTADUAL

Professores se reúnem na quarta

GUILHERME LIRA

Na próxima quarta-feira os professores da rede estadual de Santa Catarina irão se reunir em uma assembleia geral. No encontro, será encaminhada a decisão a ser votada em uma nova reunião – definida também na assembleia.

De acordo com o Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Santa Catarina (Sinte), essa decisão pode ser, inclusive, a greve.

Na quarta-feira, por conta da assembleia, algumas regionais irão paralisar as aulas nos três turnos. Segundo o Sinte, Florianópolis e São José já anunciaram a paralisação neste dia.

A nova paralisação do magistério – em estado de greve desde o dia oito de maio, depois de 16 dias parados – pode acontecer porque os professores ficaram descontentes com a posição do governo que, em uma reunião na tarde de quinta-feira, marcou o próximo encontro para continuar as discussões sobre a tabela salarial para após as eleições.

Enquanto o governo explica que já foram apresentadas quatro propostas, todas recusadas pelo Sinte, o sindicato alega que em nenhum delas foram colocados prazos e valores.